



Sexta-feira treze

A TRAGÉDIA DO CACHORRO

LUCAS CASSULE

LUCAS CASSULE

Sexta-feira treze

A TRAGÉDIA DO CACHORRO

©Lucas Cassule, 2022

Título: Sexta-feira treze

Autor: Lucas Cassule

Contactos para palestra, seminário e workshop

E-mail: lucascassule@gmail.com

Instagram: [@lucascassule.ao](https://www.instagram.com/lucascassule.ao)

Edição e paginação

Lucas Cassule

Design de capa

Lucas Cassule

Execução Gráfica

É Sobre Nós Editora

Revisão

Helma Rosa

Marketing e publicidade

Alusapo | Julieta Nguenda

Conselho Editorial

Dito Benedito | Alzira Simões

ISBN: xxxxxx

Edição Digital: Janeiro de 2023

É SOBRE NÓS EDITORA

Rua Fernão M. Pinto, 57, Alvalade | Luanda – Angola

É expressamente proibida a reprodução deste opúsculo, no todo ou em parte, seja por quaisquer meios sem autorização por escrito dos autores e da editora.

“Ler é uma das mil formas de viver”

LUCAS CASSULE

Nasceu no Bengo, a 6 de Julho de 1986, licenciado em Engenharia Informática. É Professor, Escritor e Editor. É autor dos livros: A vila assombrada pelos makixi, Afroerotismo em contos, Mil correspondências e co-autor do livro Karingana - 2 povos, 2 contos e do livro Pelo Poder Popular. O autor também trabalha como locutor e apresentador do programa “Conversa Escrita”, na rádio Muzangala. No dia 31 de Julho de 2022 foi homenageado pela AfriCan na conferência de Génesis, Firemont, em Johannesburg pelo seu contributo à literatura angolana e ao resgate e promoção do valor cultural africano.



“Escrever é criar um universo paralelo ao que conhecemos”

FERNANDO, UM ELECTRICISTA de profissão, seguia a Avenida Deolinda Rodrigues, o seu percurso habitual nos dias de semana. Saía do serviço, dirigia a uma velocidade acima do recomendado nas zonas urbanas. Foi quando, num repente, um cachorro apareceu subitamente à frente da sua viatura. Assustou-se, perdeu o controlo do volante, foi tudo tão rápido, até fechou os olhos ao sentir o embate.

Era sexta-feira, treze de Junho, 2009. Dia de aniversário do filho, precisava recolhê-lo num dos ATL do centro da cidade. A esposa já se encontrava em casa, preparava o jantar especial para celebrar mais uma risonha Primavera do primogénito. Este ano seria diferente, tinham decidido, será uma festa só para a família de casa. Atrasado quase meia hora, aquele incidente piorou ainda mais a situação. O cão ainda respirava, mas sangrava e o líquido viscoso e encarnado se esparramava no alcatrão. Os pneus da frente do seu velho Rav4 estavam espatifados e o pavimento ficou ligeiramente obstruído. Fernando até tentou desviar, mas embateu e rodopiou, impedindo os outros veículos de seguirem a marcha.

Fernando, já estando no chão, atordoado, fitou o cachorro que grunhia no solo, fitou o veículo que fez meia-lua no meio da estrada e suspirou profundamente. Deveria ter sido o pior, pensou. Felizmente, o homem saiu ileso, mas o cachorro não teve a mesma sorte.

— Merda! Tenho de salvá-lo! — Decidiu Fernando, quando viu que o mesmo ainda se mexia e gritava.

— Salve o pobre cachorro! — Um homem negro e gordinho, que atravessava a estrada, gritou, mas ele sorria, como se aquele episódio o divertisse.

— De quem é o cachorro? Onde fica o veterinário mais próximo? — perguntou Fernando. Olhava para o rosto das pessoas à procura de indicações.

— Kota, fica na FTU, siga sempre em frente, mais dois quilómetros, olhando à direita! — disse um jovem franzino, um ardina, Fernando reparou nele, andava depressa e tinha um molho de jornais nas mãos.

— E agora? Como vamos sair daqui? — questionou o condutor de um dos veículos que vinha mesmo a seguir ao seu, encontrava-se preso. Os outros, lá atrás, soltavam estridentes buzinas. Façam alguma coisa! Chamem a polícia!

Fernando ignorou a multidão, encostou-se ao carro, retirou rapidamente a carteira e o telemóvel e fechou a porta. Avançou com cuidado até ao cachorro. Carregou-o nos braços, nem se importou com o sangue que pingava e lhe sujava a t-shirt branca. Retirou o telemóvel do bolso, olhou para os estragos no pára-choque e estendeu a visão para o horizonte, calculando a distância até à veterinária. Sim, tenho de andar um bom bocado, pensou. Depois telefonou à seguradora, informando o sucedido e deu a localização do incidente.

— Sim, se puderem enviar um reboque de imediato, seria muito útil. Sim. Não, a polícia ainda não apareceu, mas eu não posso ficar aqui, preciso salvar este cachorro. Serão apenas uns minutos, vou e volto!

Desligou a chamada e meteu-se a correr com o cão, rumo a sua salvação. Um herói em acção! Mas, não evitou nem se importou com os protestos dos outros utentes. Senhores, sem a polícia, não posso fazer nada, ainda que o quisesse, como vou tirar o carro dali? E ele tinha razão, o carro tinha subido o pavimento, só sairia dali a reboque.

Uma pedra que o embateu no pé interrompeu o seu percurso. A dor foi intensa, Fernando pensou, deve ter aleijado

o dedo. Quando olhou para as sandálias confirmou, tinha-se ferido e sangrava. Mas o cachorro, o choro do cachorro era já muito fraco, precisava apressar-se. Avançou, em passos lentos, matutava se desistia ou prosseguia com a missão. Falta-me meio caminho, posso chegar lá e salvar o cão sim! Decidiu.

Chegou à clínica minutos mais tarde, ensanguentado e suado, com os pés todo empoeirado. Mas estava satisfeito, conseguira cruzar ali com o cachorro ainda vivo. Quando o entregou ao veterinário, explicando a situação, reparou melhor no cachorro, os olhos castanhos claros, as orelhas compridas e dormentes e os numerosos pêlos brancos, branquinhos e suaves como plumas de avestruz envolviam todo o corpo. Deve ter escapado da casa do seu dono, que a essa hora está aflito à procura dela. Espera aí, dele ou dela? Confirmou o sexo, era macho. Dele.

Uma hora mais tarde recebeu a notícia, o Láica — nome carinhoso que ele mesmo tinha acabado de dar ao cachorro — estava fora de perigo. Era já início da noite.

Foi assim que pensou: o Kiaku? Merda, a escola deve ter feito qualquer coisa! Mas agora vou ainda ver se esses homens do reboque se safaram e logo vejo uma forma de pegar a criança. Procurava na agenda do telemóvel, o contacto da seguradora, mas foi interrompido por outra chamada.

— É o pai do Kiaku?

— Sim, quem fala?

— Sou a Mirian Carmelino, professora dele... Olha, pela hora, tive que levar o menino à minha casa, aqui no Morro Bento. Não lhe podia deixar com os seguranças no ATL. Por favor, pode vir buscá-lo cá?

*

Fernando, aflito, telefonou a um amigo que tinha um

veículo, a fim de levar-lhe à casa da professora.

— Mano, estás nos congoleses?

— Sim, bro, aqui mesmo perto da FTU!

— Chego em uma hora! — disse o amigo ao telefone.

— Credo! Uma hora? Não tenho uma hora, o meu filho está à minha espera!

— Pronto, vamos ver se consigo chegar na metade do tempo então.

— Por favor, bro!

Porra, essas escolas têm que começar a contratar pessoal que vive nas proximidades, para ficarem mais tempo na instituição! — Fernando reclamava sozinho. Depois olhou para o segurança de farda verde-escura, que o encarava de soslaio. — Tenho de manter a calma — murmurou.

Fernando vive com família na Ilha de Luanda, a escola fica no 1.º de Maio. Morro Bento era longe. Fernando pensava nisso e irritava-se ainda mais, mas controlou-se, ao menos o Kiaku está em segurança. Poderia ser pior, poderiam deixá-lo na escola com os guardas, isso sim seria o caos na minha vida. Aqueles bêbados! Vou já comprar o bolo aqui, assim evito passar no Candando. Mas olhou ainda a ferida no pé. Não está mal, quando chegar em casa lavo e ponho uma pomada. Entrou na pastelaria que ficava mesmo a alguns metros da Clínica e comprou um bolo de aniversário. Um de tamanho médio, disse, não haverá gente em casa, isso serve.

Depois voltou à clínica e esperou. Já tinha recebido a notícia que o carro tinha sido retirado com êxito. Elogiou até a celeridade do trabalho no silêncio. Essa seguradora está a me sair melhor do que a encomenda! Depois olhou na portachaves que ganhou ao contratar o serviço. Fidelidade, seguros desde 1808, leu em sussurro.

— Mano, estás por aí?

— Sim, bro, estás próximo? Já passou 35 minutos!

— Mano, epah, sinto muito! O meu carro está a apresentar um problema mecânico, não pega, me desculpa, não consigo safar-te desta vez. Desculpa-me, mano.

— Merda! Agora estou paiado! Que inferno de sexta-feira é este?

Fernando ficou parado com o telemóvel nas mãos, sabia, o dia estava destinado a correr mal. Nunca acreditou nessas coisas, nunca fora supersticioso, não acredita na Kianda, diki-xi, kambandu ou outra entidade africana, mas agora lembrara-se disso. Sexta-feira 13 é dos infernos! Murmurou.

Conferiu o kumbú que tinha na carteira. Ainda dava para alugar uma viatura. É a única solução. Fez a chamada e espe-rou, já sentado numa pedra, fora da clínica.

*

Seguiam para Morro Bento, tinham já atravessado o Rocha Pinto, depois ouviu o telemóvel a tilintar, pensou: espero que não seja outra merda de tragédia. E atendeu. A professora do filho tinha acabado de sofrer um ataque, era necessário apressar-se porque não havia ninguém naquela casa para tomar conta do menino, o esposo, que falava no outro lado da linha, mostrava-se irritado e aflito. Fernando estava igualmente frustrado, frustrado e completamente agitado com a situação, despejava toda a pressão ao condutor, pressionando-o a conduzir mais depressa.

— Tenha calma, deixe-me fazer o meu trabalho. Melhor chegar atrasado e em segurança! — Este respondia.

Fernando limpou o seu rosto negro e magro, sabia, estava paiado. Hoje estou paiado! Disse em voz baixa, o motorista não ouviu.

De repente, um pouco mais à frente, um policial levantou a mão vestida de luvas brancas. Tinham de parar. Fernando olhou mais para frente, estavam já na Multiperfil, próximo ao local indicado. Porém, por mais que insistissem e explicassem as causas do excesso de velocidade, o agente não entendia. E de tanta insistência, o motorista irritou-se com o policial, descontrolou-se mesmo. Fernando, que tinha ficado sentado na viatura, não entendeu como é que, de repente, o agente estatelou-se no chão, tinha sido acertado em cheio pelo condutor, um soco no rosto, deitando tudo a perder.

O condutor foi preso de imediato. Os policiais disseram, estava bêbado. Fernando foi levado em custódia para prestar depoimentos. Mas o homem não aguentou a pressão, desmaiou enquanto seguia no carro da polícia, tendo sido encaminhado de emergência numa das clínicas daquelas mediações.

Quando recuperou a lucidez, Fernando viu, estava numa cama, vários aparelhos emitindo sons e fortes odores de medicamentos abafavam o ambiente. Foi recuperando a noção das coisas, a visão enturvada projectava já alguma nitidez. Viu médicos uniformizados, viu a esposa, viu o filho e viu ... a polícia. Espera aí, a polícia? Tentou agitar-se, mas os dois agentes, que seguravam o bolo e uma vela, sorriram e fizeram sinal de que estava tudo bem.

— Pelos vistos vamos cantar os parabéns para o Kiaku mais cedo! — Um deles reagiu.

A mulher levantou-se e foi abraçá-lo, o filho também, mas Kiaku não tirava as órbitas do bolo que estava nas mãos do policial.

Após desmaiar, os agentes atenderam o seu telemóvel e aperceberam-se do incidente com o filho, então, estes decidiram resgatá-lo no Morro Bento.

— Quando chegamos à casa da professora, já lá estava uma ambulância, garantiram-nos que ela havia de recuperar. — Emendaram.

Ao regressarem, passaram à casa do Fernando buscar a esposa. Ficaram espantados, como é que um menino de 9 anos sabe muito bem o endereço de casa? No final, tudo terminou com uma pequena festa naquele consultório. Médicos, polícias e civis riam da história hilariante que o Fernando fazia questão de contar enquanto comiam aquele bolo.

Tinha sido um dia negro para Fernando!

Fim

Gostou?

Partilhe com o seus amigos!

Siga-nos no facebook/instagram: @lucascassule.ao

De que vale um conto, um romance preso na sua gaveta?
Publique com a É SOBRE NÓS!

É Sobre Nós Editora

Seu livro, nosso legado!

geral@esobreler.ao

https://instagram.com/esobrenoseditora_oficial

+244 926 155 992 | +244 919 146 296